

ALFONSO SALVINI



*Santo Antônio*  
**DE PÁDUA**  
O SANTO DOS MILAGRES

**AM**  
EDITORA  
AVE-MARIA

---

## Apresentação da nova edição revista e ampliada

**T**ranscorreram vários decênios desde que, no distante 1931, veio a lume a primeira edição desta vida de *Santo Antônio de Pádua*.

O segredo do sucesso desta biografia consiste provavelmente, salvo a notoriedade do santo, no seu raro equilíbrio que coaduna o dado biográfico-histórico com o devocional-miraculoso. Um e outro mostram-se efetivamente necessários, no que se refere a um santo que goza de enorme popularidade e estimado mais pelo aspecto devocional-taumatúrgico do que pelos dados fornecidos pela biografia, se bem que os especialistas considerem estes últimos verdadeiramente significativos e importantes.

Esta é, sobretudo, uma convicção que vai crescendo sempre mais em nossos tempos à medida que se multiplicam os estudos sobre os escritos de Santo Antônio e sobre as características inovadoras de sua interpretação teórica e prática da vocação franciscana; atualmente coloca-se em realce até mesmo a sua experiência de ex-cônego e de estudioso da Sagrada Escritura – Doutor Evangélico e Arca do Testamento! – e na sua pregação itinerante a origem primeira de desenvolvimentos sucessivos que teriam tido depois como intérprete excepcional São Boaventura de Bagnoregio, o qual “se teria manifestamente reconhecido na matriz antoniana” (Alberto Vecchi).

Em resumo, chega-se à descoberta de uma dimensão diversa da grandeza de Santo Antônio.

Mas não se trata de uma novidade absoluta: agradamos, por exemplo, realçar que tal dimensão já estava presente nesta biografia que o valombrosano Pe. Alfonso Salvini redigiu nos anos 30 do século XX. Por isso o editor continuou a reimprimir esta obra, introduzindo somente leves modificações no léxico.

Também nesta nova edição, revista e ampliada, as modificações no texto realmente foram muito poucas, e talvez tenham consistido até mesmo na restituição do sugestivo, e provocador, ditado da primeira edição.

Para mim foi comovedor descobrir que a cópia, já não mais encontrável, da primeira edição chegou às minhas mãos, em mau estado devido ao uso, e apresenta um carimbo que me deixa pensativo: “Cárceres judiciários”...

Aquelas páginas envelhecidas levaram-me a experimentar a verdade contida no que escrevia, com um pouquinho de retórica, o cardeal Maurice de Bonald, arcebispo de Lião – na Quaresma de 1854 –, referindo-se aos volumes das “bibliotecas cristãs” que deviam ser guardados em cada paróquia da sua diocese: “(...) Quando vós, caríssimos irmãos, virdes voltar para as vossas bibliotecas aqueles livros que passaram de mão em mão cumprindo a sua santa missão, não sériéis vós de algum modo tocados ao vê-los, como se se apresentasse a vós um apóstolo que retorna do seu glorioso caminhar, depois de ter semeado a boa nova em terras distantes e entre povos diversos? Não sériéis vós tentados a beijar com veneração os vestígios que restaram das suas fadigas, assim como beijastes os pés daquele que retorna depois de anunciar o Evangelho para além dos oce-

anos? Um bom livro é um mensageiro dos céus que vem iluminar e consolar”.

Modificações e intervenções mais significativas foram remetidas para as notas de rodapé e sobretudo para os apêndices no fim desta obra, compreendendo, além de datas fundamentais do viver de Santo Antônio e além da bibliografia, um amplo capítulo, escrito por ocasião das celebrações do 750º aniversário (1981) da morte de Santo Antônio, intitulado “O Retorno de Santo Antônio”. O mérito principal deste retorno, queremos afirmá-lo desde já, deve ser atribuído aos Frades Menores Conventuais da basílica de Santo Antônio em Pádua e, de maneira particular, ao grupo redacional da revista *Il Messaggero di sant’ Antonio*.

A eles deve ser dirigido o reconhecimento dos verdadeiros devotos de Santo Antônio, porque, como diz o diretor da revista, Pe. Tiago Panteghini, sem nada perder do “santo” tradicional, eles se empenharam em “tornar conhecidas um pouco mais a personalidade histórica do nosso santo, as suas palavras e as suas obras, de modo que à invocação e à admiração se una a imitação e amadureça uma devoção mais autêntica, que veja em Antônio um irmão que nos ajuda a encontrar-nos com Jesus Cristo”.

São palavras diversas, mais modernas, pós-conciliares, mas repetem o conceito expresso, há mais de cinquenta anos, desde quando o padre Salvini saudou os “bons leitores (...) com todo o coração para tirar proveito para a alma”. Este foi o escopo do compilador e dos editores e continua sendo o escopo do revisor.

*Luigi Giovannini*

---

## Prefácio do Autor

Esta vida de *Santo Antônio de Pádua*, que veio à luz por ocasião do sétimo centenário de sua morte, não tem pretensões a ser uma obra crítica, embora o autor não tenha descuidado do resultado dos estudos mais conscienciosos feitos nestes últimos tempos, e tenha levado em consideração de maneira particular as belas obras dos padres Sparacio e Fachinetti, pertencentes ambos à mesma família religiosa do santo: o primeiro como frade menor conventual e o segundo como frade menor observante.

Da volumosa obra do padre Domenico N. Sparacio foram extraídas também algumas narrações de fatos referidos diretamente pelas fontes primitivas da *Storia antoniana*, e alguns trechos dos seus escritos. Isto se diz já, para evitar equívocos de insinuações não indulgentes e por amor à verdade.

Já disse que não é obra crítica; mas daí não creia o leitor que o que lhe está sendo narrado seja falso ou lendário. A mentira aqui não tem espaço, e quando o fato é lendário (no sentido moderno da palavra) não se o deixou de dizer, a fim de que, confundindo a história com a lenda, não fosse lançado ao descrédito sobretudo o sobrenatural, que na vida de Antônio tem soberana predominância.

Notificamos, porém, que as antigas lendas antonianas têm direito a toda nossa consideração, mesmo que não estejam

de acordo com os sistemas críticos modernos. Não temos o direito de duvidar da honestidade dos compiladores, nem de rotulá-los como de demasiada ingenuidade, só pelo fato de que o sobrenatural nos pareça grandioso demais e algumas vezes possa ofuscar nossa míope visão.

Não compete a nós verificar os limites do sobrenatural. Quando existe, devemos simplesmente aceitá-lo, a menos que queiramos nos colocar do lado daqueles que negam a evidência e menosprezam também os milagres de Lourdes e de tantos santos modernos, que se realizam sob os nossos olhos.

Mas esta edição não foi feita para eles. Aos seus bons leitores eu desejo, de todo coração, que tirem muito proveito para a sua alma.

É este o objetivo do escritor e do editor.

*Vallombrosa, Festa de Santo Antônio, 1930*

*Alfonso Salvini, OSB*

## I. O século XIII

Sete séculos<sup>1</sup> nos separam da época que presenciou a admirável vida de Santo Antônio; e este espaço de tempo mostra-se de tamanha importância que, por si só, poderia justificar este capítulo primeiro, também se mais que a distância material não fosse maior a distância moral entre o século XIII e o século XX [também o XXI] para dar-lhe a mais completa justificação.

Estamos em plena Idade Média, quando estão ainda em fermentação os povos que devem formar as atuais nações.

Na política, a luta se concentra entre o império – figura monstruosa que estende os seus milhares de tentáculos –, feudos e principados, e o povo que anseia por sua liberdade através da sua primeira forma da gloriosa comuna [município].

Mas a luta é fragmentária, mesmo que encarniçada, porque as cidades não se encontram divididas só entre si (guelfos e gibelinos, papais ou imperiais), mas também nas ciameiras uma em relação à outra, até mesmo entre os próprios cidadãos.

... um e outro se corroem  
contra os que um muro e uma fossa encerram.

---

<sup>1</sup> Recordemos que esta vida de *Sant'Antonio di Padova* (agora, em português, *Santo Antônio de Pádua*) foi publicada, na Itália, pela primeira vez em 1931, quando ocorria exatamente o VII centenário da morte de Santo Antônio.

Tal é particularmente a Itália, não obstante a comunhão da linguagem nova que se revela quase como prenúncio da futura unidade.

A única ligação, às vezes quebrantada pela violência das paixões políticas, é a religião, que as heresias nunca conseguiram submeter completamente, como ao invés aconteceu na França, aonde um dia irá o nosso santo com a específica finalidade de combater o erro; ao passo que a sua pregação na Itália, mesmo que se desenvolva alguma vez contra a heresia, como aconteceu em Rimini e em outros lugares, terá em geral a finalidade de chamar as multidões à santidade dos costumes, de aplacar-lhes os ódios, abrandar as desavenças, indicando o céu a quem, devido à cupidez do prazer, coloca nos bens terrenos o seu coração.

O papado, fortalecido pelas vitórias de Gregório VII e de seus sucessores, irradia clarões de luz e exerce influência benéfica sobre os povos: todavia a religião não alcançou ainda toda a força moral de que precisará porque nem todos os seus ministros estão à altura da situação.

Por isso, o erro surge ora aqui ora acolá; e às vezes se atreve até o ponto de constranger a Igreja às cruzadas menores que, mesmo não tendo por finalidade a libertação dos Lugares Santos ou a luta contra o islamismo sensual e cruel, nem por isso são menos úteis e necessárias.

O erro é de uma forma grosseira; mas nem por isso menos pernicioso num século de baixa cultura, quando mais que a razão o que vale é o sentimento, mais que a realidade vale a aparência com a qual ele gosta de se recobrir.

E o maniqueísmo do século III que, nunca derrotado definitivamente, mostra-se mais viçoso, depois de nove séculos, nos novos promotores que assumem o nome de cátaros, albigenses, valdenses; nos quais a aparente austeridade



de vida e de costumes é, às vezes, a pele de cordeiro que recobre a forma do lobo.

Partindo do fato da não irrepreensível moralidade do clero secular e do relaxamento do clero regular que parecia querer afogar-se na abundância dos bens temporais, geradores ora de ociosos ora de ambiciosos, tais hereges afirmavam que a Igreja tinha se desviado do Evangelho e queriam chamá-la à simplicidade primitiva: portanto, não ao luxo no culto, não à riqueza dos padres, não ao poder temporal dos papas. Entretanto negavam a autoridade do sumo pontífice, o purgatório, a invocação aos santos e outros dogmas cardeais, sustentando a crença em dois princípios eternos do bem e do mal, e isto vinha limitar o poder do próprio Deus e destruía a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas Deus a cada mal sabe aplicar o remédio adequado; e eis que surgem as ordens mendicantes.

Os hereges tomavam como pretexto da necessidade das suas reformas a riqueza do clero, e as ordens mendicantes não só detestavam as riquezas, como pediam esmola também para o mais estritamente necessário. Aqueles falavam da necessidade de se retornar ao antigo, e eis que São Francisco que prega, mas mais com o exemplo do que com a palavra; e na simplicidade da sua vida reproduz, o quanto é possível em um simples homem, as feições morais do Nazareno.

“Posto sobre esta terra – diz dele o seu primeiro biógrafo – desprezou altaneiramente as riquezas terrenas e, desejando as coisas mais sublimes, dedicou-se com todo o coração à pobreza. Portanto estreitou-a a si com castos amplexos, não a abandonando um só instante e indicando-a aos seus irmãos como caminho para a perfeição e como penhor das riquezas eternas. Ninguém cobiçou tanto o ouro, como ele cobiçou a pobreza; ninguém guardou mais cuidadosamente o seu tesouro, como ele guardou

esta preciosidade evangélica. E então só se mostrava magoado o seu semblante, sempre alegre na sua simplicidade e franqueza, se alguma coisa tivesse visto entre os seus, ou nos conventos, contrária à pobreza. ‘Meus irmãos – dizia o *Poverello* –, preguemos a penitência mais com o exemplo do que com a palavra: confiemos no Senhor que venceu o mundo com a sua cruz. Encontraremos homens duros, os quais nos retribuirão com o mal os bens eternos que queremos alcançar para eles; mas todos ganharemos sofrendo com paciência e humildade’.”

Nem desta caridade estavam excluídos os infiéis, porque antes das ordens mendicantes recebeu grande impulso a atuação da ideia missionária, que na Igreja é conatural devido à ordem do Divino Mestre: *Ite docete omnes gentes* (“Ide, pois, e ensinai a todas as nações”, Mt 28,19). Veremos como é precisamente a consecução desta sublime caridade, que acompanha o nosso santo e o encaminha para aquela estrada que deverá depois regular todo o curso da sua vida, toda a explicação do seu ministério.

Não foi somente ele que no seu tempo conseguiu alcançar estes cumes sublimes; porque a Idade Média com as suas sombras malignas, com os seus ódios tenazes, com os seus bárbaros costumes, é também a Idade Média dos heroísmos do perdão, das macerações voluntárias, do jorrar cintilante das luzes intelectuais.

E o contraste da sociedade não se apresenta sozinho: contraste encontra-se também nos indivíduos.

Não conseguimos entender as grandes liberalidades dos ricos, frequentemente afogados na iniquidade e no exercício das mais refinadas crueldades, as sublevações desordenadas dos povos para uma nova doutrina, a não ser valendo-nos destes contrastes espirituais que dão àquela

época um quadro ao mesmo tempo fosco e luminoso, no qual a miséria moral põe em realce as ações mais nobres e generosas, ao passo que estas fazem parecer mais obscuras as intrigas, a conduta dos intrigantes, a crueldade dos tiranos, a volubilidade dos indivíduos.

Mas existe uma região, aquela onde nosso santo veio à luz, que tem fisionomia propriamente sua.

Nela, mesmo que não se façam presentes as virtudes e os vícios do século XIII, existe alguma coisa de especial, devido em parte à sua distância das cortes papal e imperial, e mais pelo fato que o inimigo político é ao mesmo tempo o inimigo religioso. A bandeira que se levanta em Portugal pela formação da pátria é também a bandeira sob a qual pode marchar um cruzado: é o símbolo da libertação política e religiosa.

Daqui a unidade de intenções, generosidade de propósitos, que no nosso santo culminam com o desejo do martírio. Um desejo tão agudo, uma nostalgia tão forte, que sozinha pode explicar a superação de alguns obstáculos, a aparente mudança de deliberações tomadas com maduras reflexões e sob os olhos de Deus.

Portugal, situado nos confins do mundo então conhecido, depois de ter recebido o benefício das doutrinas de Cristo, passou para o domínio dos bárbaros.

Os vândalos, os suevos, os alanos, os visigodos foram se sucedendo, mas sem destruir a nova religião. Nem se saem melhor os árabes, que o invadem no século VIII ao mesmo tempo que invadem a Espanha, exercendo aí por cerca de quatro séculos a mais cruel tirania.

No ano 1147, Henrique de Borgonha repentinamente morreu, depois de ter destroçado aqueles que pareciam falanges invencíveis, assumindo o título de conde de

Portugal.<sup>2</sup> Mas o seu condado ainda é minúsculo. Muitas cidades, e as mais belas, sofrem ainda sob o bárbaro domínio estrangeiro e anseiam pela liberdade.

É então que se inicia aquela heroica luta de todo um povo contra os seus opressores que Camões, o Homero português, celebrou no seu *Os Lusíadas*: o poema da realeza portuguesa, no qual descrições de batalhas e glórias dos monarcas, amabilidade das rainhas e fervor do povo se fundem em um todo homogêneo que forma a epopeia de um povo.

É claro que um ambiente desse tipo deve ser propício ao heroísmo, porque nele se trava a luta entre o bem e o mal; todo o bem de um lado, todo o mal do outro.

O nosso santo, que desde o seu nascimento parece estranho ao seu povo, é disso ao invés o expoente. De fato, se o heroico povo português se entrega à guerra contra o inimigo da pátria, que é o inimigo de Cristo, Antônio oferece a sua vida pela conversão dos maometanos que teriam assim deixado de ser os inimigos da pátria e de Cristo.

---

<sup>2</sup> Talvez seja oportuno especificar que Henrique de Borgonha havia assumido o título de conde de Portugal já em 1095; em 1139 seu filho Afonso I, o Conquistador, assumiu o título de rei depois de ter derrotado os muçulmanos, e, finalmente, em 1147 ocorreu a conquista de Lisboa.

---

## II. O pequeno Fernando

A firma-se que a moderna capital de Portugal foi fundada por Ulisses, herói grego que tanto tempo ficou perdido pelos mares, depois da destruição de Troia, e é dele que provém seu nome: *Ulix bona: Lisboa*.

É banhada pelo Tejo que, depois de ter percorrido mais de mil quilômetros por terrenos montanhosos e por declives alcantilados, estende-se finalmente nos seus arredores, onde desembocando no mar forma um dos mais belos portos do mundo, tanto que os portugueses gostam de chamá-la “Rainha dos mares”.

Vista do mar, com o seu anfiteatro de risonhas colinas recobertas de verde, com suas velhas torres e castelos pitorescos, as igrejas e os palácios, é de uma beleza tão sugestiva que bem confirma o dizer dos portugueses:

Quem não viu Lisboa,  
Não viu coisa boa!  
(Enquanto não se avista Lisboa,  
Não se avista qualquer coisa boa!)

E de fato a suavidade de seu clima dá à vegetação dos arredores uma variedade de plantas e de flores que não é comum encontrar em outras partes da Europa.

As árvores frutíferas da nossa Itália ali amadurecem perfeitamente os seus frutos, e ao mesmo tempo ali se veem a

palma da tamareira como ornamento, o floridíssimo agave, o figo da Índia, as mais belas camélias da Europa; as laranjas são tão doces e deliciosas que em muitos lugares da Itália e em outras nações costuma-se chamar de “portuguesas” essas frutas excelentes.

No tempo do qual estamos falando, essa cidade ainda não era a capital do reino. O rei residia em Coimbra, porque Lisboa apenas a pouco tempo tinha se livrado da escravidão muçulmana, em 1147.

Para a sua libertação concorreu uma frota de cavaleiros cruzados que velejavam para os Lugares Santos, e tinham chegado providencialmente às suas águas, enquanto o rei Afonso I a cercava com o assédio.

Tomada a cidade, alguns deles, certos de haver cumprido seu voto ao ter combatido contra os inimigos do nome cristão, estabeleceram-se definitivamente na cidade, e houve quem quis que de um desses cruzados o nosso santo fosse descendência.

Certamente os pais dele, Martinho e Maria, eram de nobre linhagem<sup>1</sup> e possuíam um belo palácio nos arredores da catedral, no ponto mais importante da cidade.

Outros quiseram que o pai de Antônio fosse descendente nada menos que de Godofredo de Bulhões, herói da *Gerusalemme liberata* e de sangue régio a mãe.

A nós importa só saber que eram ricos de patrimônio e de virtudes, justos diante de Deus e observadores escrupulosos de seus mandamentos. Ele perfeito cava-

---

<sup>1</sup> A nobreza dos genitores de Santo Antônio é atestada pelo autor da *Benignitas*, uma dentre as primeiras biografias do santo: “Antônio de Bulhões nasceu de nobre progênie, sendo o pai, Martinho, cavaleiro do rei Afonso, e a mãe, Maria, de não baixa condição”.

leiro, amante da pátria, pronto para desembainhar a espada em sua defesa; ela flor de delicadeza, com todas as graças da beleza, e todos os encantos que tornam amável uma esposa.

Antônio foi o primeiro fruto das núpcias, e veio à luz no fim do século XII, no dia 15 de agosto de 1195.<sup>2</sup>

Na igreja catedral de Nossa Senhora do Pilar em Lisboa ainda existe a fonte batismal, na qual ele recebeu as águas da regeneração e lhe foi dado o nome de Fernando (ou Ferdinando), em homenagem àquele que devia ser o seu primeiro mestre, pois já gozava de consideração na carreira eclesiástica, o tio cônego.

Os conterrâneos do santo têm por aquela fonte batismal a mais alta veneração, e os fiéis costumam nela pousar a cabeça para receber graças especiais.

Também a porta pela qual ele foi introduzido no batistério é ciumentamente conservada, e em homenagem ao santo está fechada para a passagem comum, tanto que a sua abertura marca a época dos grandes festejos em sua honra.

Não muito nos dizem os antigos biógrafos a respeito da infância do santo, sobre a qual eles até silenciam completamente, caso se excetuem alguns fatos prodigiosos, fruto da ilimitada admiração dos pósteros, que desejaram coroar de

---

<sup>2</sup> Como especificamos no 2º apêndice, no qual relatamos as datas fundamentais da vida de Santo Antônio, 1195 é a data tradicional, que continua a “manter-se no texto” enquanto não se encontrem documentos incontestáveis para modificá-la; 1188 era considerada a data mais provável segundo recentes estudos. Com base nos resultados do reconhecimento de 1981, do qual falaremos longamente no 1º apêndice, e que atribui ao santo uma idade aproximada de 40 anos (antes, chega a determinar a idade de 39 anos e nove meses), e sabendo que o santo morreu no dia 13 de junho de 1231, Santo Antônio teria nascido com toda probabilidade em uma data intermediária entre o ano 1195 e o ano 1188, isto é, no verão de 1192. A data 15 de agosto é tradicional, mas é clara a referência à festa da Assunção da Bem-aventurada Virgem.

maravilhas a infância daquele que deveria depois ser realmente maravilhoso.

Todavia sabemos que foi de índole excelente, naturalmente levado à caridade para com os pobrezinhos, aos quais costumava estender a mãozinha bondosa. Foi também devotíssimo de Nossa Senhora, a quem se dirigia como sua mãe e mestra.

Nem podia ser de maneira diversa, quando se pensa que o primeiro nome que sua mãe lhe ensinou a pronunciar não parece ter sido aquele de “mamãe”, mas o nome de Nossa Senhora, que ele saudou depois continuamente com as palavras que lhe eram familiares nos lábios: “Ave, Maria”.

O amor para com a Virgem cresceu nele com o avançar dos anos até o momento de entregar a alma ao Criador, quando o seu último tom de voz será ainda uma calorosa saudação a Nossa Senhora.

Desta sua grande devoção à Rainha dos virgens argumentaram alguns o seu voto de virgindade, que, se não aconteceu aos cinco anos, como quereriam, brilhou todavia no cintilante candor da sua juventude, e foi cuidadosamente guardada por toda a sua vida.

Parece, para alguns, um motivo estereotipado da vida de todos os santos tecer elogios aos pais. Não pensam tais pessoas que quase sempre é uma necessidade, visto que o homem será conforme o que os pais plasmaram na criança. Em geral a vida de cada um está correlacionada com a educação: e Deus, que no governo do mundo se serve mais dos meios comuns do que dos meios extraordinários, para aquele que deverá ser exemplo estrondoso de virtude, designa um pai e uma mãe que no coração dele saibam cultivar aqueles germes que a bondade divina semeou.



Bem dizia Joseph de Maistre que “um homem aos sete anos recebe a sua forma moral”.

Em tal idade quem poderá imprimir uma marca moral a não ser a influência do pai, e mais que tudo a da mãe?

E Fernando a teve de pais piedosíssimos, e como se isso não fosse suficiente, o tio paterno, cônego regular e mestre na escola episcopal em Lisboa, nele acrescentou a santidade de vida exemplar, a prudência dos seus conselhos, a profunda sabedoria dos seus raciocínios.

Como testemunho da docilidade do pequeno Fernando e do seu arrebatamento pela oração tem-se uma suave lenda que, se não se rege pelas observações da crítica, é todavia digna de ser narrada, porque anuncia dele aquele domínio sobre as criaturas irracionais que o Senhor lhe concederá efetivamente mais tarde.

Fernandinho estava com o pai fora da cidade, numa sua propriedade campestre, no tempo em que lourejam as messes e os passarinhos vêm para apanhar algum grão ou semente que a Providência faz brotar também para eles.

Uma nuvem de pássaros faminta voava pelos arredores, esperando que os dois se afastassem do campo para se atirar em bando, pelo que o pai, temendo prejuízo e precisando por sua vez afastar-se, disse ao filho: “Vês, Fernando, quantos pequenos ladrões tentam diminuir a nossa colheita? Pois bem: tu ficarás na guarda do grão para impedir os pássaros de estragar as espigas”.

O menino obedeceu; mas depois que ficou sozinho, o seu pensamento se voltou para o seu tesouro: e o tesouro de Fernando era Jesus no sacramento. Gostaria de ir à igreja vizinha para entreter-se um pouco a admirar a portinha dourada do tabernáculo, para pensar na hóstia consagrada, porque sabia que aquelas visitas eram

agradáveis ao Senhor, porque o seu coração naqueles momentos batia mais forte e sentia no íntimo uma suave consolação. Ao invés, aquelas aves o entretinham lá, quase sem fazer nada.

O pequeno pôs-se a pensar em como poderia remediar, quando um pensamento como um relâmpago lhe invadiu a mente.

Por que não recolher todos os pássaros e impedi-los de causar prejuízo?

A obediência teria sido cumprida igualmente, porque as messes permaneceriam intactas, mas ao mesmo tempo estaria satisfeito o desejo do seu coração.

Com a simplicidade daquele do qual um dia seria discípulo, o *Poverello*, o pobrezinho de Assis, colocou-se no meio do bando de passarinhos e ordenou-lhes que o seguissem até a vila, onde os fechou em um vasto local; depois foi correndo para a igreja.

Lá Fernandinho não se cansou, e se não viessem chamá-lo poderia ali permanecer todo o dia.

No entanto as horas passavam, e o pai retornou ao campo para encontrar-se com o filho, certo da obediência dele.

Não o encontrou e aquela desobediência não habitual o deixou agitado, tanto que começou a procurá-lo com ansiedade, até que o encontrou na igreja próxima.

“Filhinho” – disse-lhe em tom de suave reprovação –, “é esta a tua obediência? Eu não te havia mandado vigiar para a defesa do campo? Os pássaros desapareceram; mas certamente que primeiro tiveram grande presa de guerra. Quem pode agora avaliar o dano que causaram?”

Fernandinho estava sorridente: sabia que não merecia a repreensão do papai, e, por outro lado, estava muito feliz por estar ainda um pouco diante de Jesus!

“Papai” – disse-lhe –, “ide à vila, e abri o maior barracão, e nele encontrareis todos os pássaros que eu lá fechei por algum tempo. Então, não é possível que eles tenham causado para nós dano algum.”

O bom Martinho não sabia se devia acreditar nas palavras do filho; mas por outro lado não queria impedir-lhe o fervor.

Dirigiu-se, pois, para a vila, e abriu o barracão que o filho lhe havia indicado.

Ó, maravilha! Os passarinhos estavam lá, todos quietos, sem ruídos de asas ou de voz, como se tivessem percebido que eram prisioneiros.

Fernandinho havia obedecido e teve igualmente a agradável satisfação de ter a companhia de Jesus, prisioneiro do amor.

O pai de Fernandinho era um homem de armas, um cavaleiro que cingia a espada, quase com toda certeza ignorante das letras. A mãe, também ela, não teria sabido ler o próprio nome, porque naquele tempo a ciência da leitura e da escrita era patrimônio de poucos, com exceção do clero, tanto que “clérigo” significava “letrado”.

O ler e o escrever era um trabalho covarde: jamais teria dado a satisfação que proporcionava a carreira das armas. De mais a mais, as riquezas não se conquistavam com a doutrina, mas com a espada, com a qual se dominava também o imenso rebanho da plebe, que por um pedaço de pão trabalhava a terra do temido patrão.

Fernandinho deveria portanto seguir a carreira paterna, porque os nobres daqueles tempos, e ele era um deles, desprezavam as letras, mesmo que algumas vezes tivessem necessidade de recorrer aos literatos; mas ele não tinha pelas armas grande simpatia. Os jogos, por vezes violentos, dos seus contemporâneos, não eram feitos para ele que

preferia a oração e o recolhimento; no entanto seus pais pensavam que, talvez mais tarde, o desejo de glória também surgisse nele, e ainda tinha tempo para se tornar um perfeito cavaleiro. Por isso, então, ele se mantinha sempre retirado e vigilante, podendo assim ir também à escola.

Assim pensavam eles ou, talvez, mais provavelmente, assim tinha insinuado o tio cônego, que das respostas escritas pelo sobrinho tinha percebido a estrada que ele palmilharia a caminho do saber.

Com a queda do Império Romano, a antiga sabedoria de Roma tinha sido transtornada pelas impetuosas hordas dos bárbaros, que o tinham submergido. As escolas públicas não demoraram muito a desaparecer, e tudo da antiguidade talvez tivesse perecido se a Providência não tivesse inspirado um descendente de patrícios para abrir-lhe um refúgio.

Bento de Núrcia, condensando o espírito da sua Regra no mote: *Ora et labora*, tinha compreendido na palavra “trabalho” não só o manual, mas também o mental.

Em Monte Cassino, nota Montalembert, antes e depois da morte de São Bento, viam-se acorrer em bom número os filhos das mais nobres famílias da Itália e a fina flor dos bárbaros convertidos, e aquele mosteiro teve desde a sua origem uma biblioteca.

Os monges beneditinos, tomados pela paixão ardente de deixar para os pósteros, na sua integridade e na sua luz o pensamento humano, eram os verdadeiros fautores da cultura intelectual e foram eles sozinhos os multiplicadores dos códices antigos, e só por meio deles pôde chegar até nós a parte mais nobre do valor da humanidade.

As cátedras das abadias foram os berços das modernas universidades, e sobre aquelas cátedras ensinaram, entre muitos outros, São Gregório Magno, São Leandro,

Santo Isidoro de Sevilha, Santo Ildefonso, Santo Anselmo de Aosta, o Venerável Beda e São Bernardo de Claraval.

Mais tarde surgiram, por imitação, as escolas episcopais, e depois as paroquiais, que no século XVI passaram a ser chamadas de elementares.

Carlos Magno tentou dar uma coordenação a essas escolas, estabelecendo também um pagamento para aqueles que nelas ensinavam.

Assim era a escola episcopal de Lisboa, onde ensinava o tio de Fernandinho e onde ele foi matriculado, vestindo juntamente com outros a pequena veste talar que, enquanto o designava para o estudo, o inscrevia entre os coroinhas que ajudavam na catedral.

Sendo ele de família nobre e abastada, talvez não recebesse gratuitamente o alimento da ciência, nem era dispensado de certas taxas escolares: mas estava, como os outros, igualmente submetido a uma estabelecida disciplina e modo de viver determinado, que fazia das antigas escolas episcopais um embrião dos modernos seminários.

A via do saber, se não é considerada hoje cheia de flores especialmente nos seus princípios, muito menos o era naqueles tempos, nos quais, faltando ou sendo muito escassos os livros, todo aproveitamento devia ser fruto de uma atenção assídua e de esforços de memória.

Os discípulos deviam estar pendentes dos lábios do mestre, e assim que aprendessem os sinais alfabéticos, tinham de iniciar-se nas fatigantes regras gramaticais, porque todo o saber humano de então estava compendiado em dois cursos, dos quais existiam também alguns caóticos manuais, conhecidos por Trívio e Quadrívio.

O Trívio, quase uma tríplice via, compreendia a gramática, a dialética, a retórica; o Quadrívio, a aritmética, a geometria, a música e a astronomia.

Depois destes estudos, quem quisesse alcançar o sacerdócio entregava-se ao estudo da teologia, a rainha das ciências, na Idade Média, que providencialmente oferecia ao homem a resposta sobre o que mais lhe interessa, ou melhor, sobre aquilo que mais o deveria interessar: o próprio último fim.

Do progresso de Fernandinho nas ciências serão mais tarde esplêndido testemunho as suas outras prerrogativas de mestre e orador; da sua conduta, eis o retrato que dele se traça: “Ele teria vivazmente desejado estar no lugar do seu Salvador pendente da cruz, ou no do seu próximo, quando o via aflito ou empobrecido. No seu espírito, no seu coração ocupavam um lugar de honra a obediência às leis de sua pátria e as ordens de seus pais, os sentimentos de reverência para com os bispos e os sacerdotes, o respeito pelos idosos, o amor pela pureza, pela vida escondida, pela humildade, pela dor, pela doçura, pela caridade, pela temperança, pelos jejuns, pela abstinência, e o horror à mentira, até mesmo se proferida por brincadeira”.<sup>3</sup>

A mente cheia de santos propósitos – acrescenta um outro escritor – manifestava os seus projetos diante de Deus, e a sua oração se prolongava com ardente devoção, tanto de dia quanto de noite, orando ao Pai das misericórdias, para que o guiasse no melhor caminho, segundo o seu beneplácito, e segundo aquilo que fosse mais útil à saúde da alma, tanto para si mesmo quanto para o próximo.

Por esta sua vida exemplaríssima de jovem o nosso santo foi proposto, e o é ainda hoje, aos jovens como modelo a imitar, e muitos o escolheram como patrono; porque ele com o seu exemplo diz à juventude como é possível não se sujeitar à tirania dos sentidos e como libertando-se dessa tirania se pode endireitar o voo para elevadas metas.

---

<sup>3</sup> Ricard-Ignudi, *Sant'Antonio di Padova*, pág. 19. (N. do A.).

E aqui sou tentado, também eu, a levar para a juventude, nas mãos da qual vier a estar este livro, os belos conselhos de um médico ilustre dos nossos dias, que poderiam ter sido escritos por uma pena habituada à moral cristã.

Jovens, colocai a mão sobre o coração e dizei-me se jamais o remorso de ter cedido a um baixíssimo instinto não vos tem perturbado algumas das mais belas horas da vossa vida. Vós estais na idade, na qual as faculdades dos sentidos, do sentimento e do intelecto estão em toda a sua potência de ação e vos abrem horizontes infinitos de alegrias.

A vossa fantasia vos embeleza os objetos que vos circundam e vos faz bater o coração à magnífica imaginação dos sonhos do futuro. O amor, a amizade, a glória, a ciência fazem-vos trepidar de esperança, e suspirar ao pensar que a vossa idade será muito breve para poder abraçar e compreender o mundo que vos circunda: e, no entanto, vós sacrificais tudo isso por um miserável prazer de poucos instantes, que vos deixa humilhados, atordoados e impotentes para tudo. A lúcida inteligência se obscurece, a tenaz e pronta memória da vossa idade se enfraquece, a imaginação não reflete mais no seu lícido espelho as fúlgidas cores de vossas fantasias, e a vontade se embota, uma molesta inquietação vos atormenta e vos faz passar longas horas em um estado de indiferença e de ócio intelectual que deveríeis aborrecer mais que a morte.

Também o vosso corpo é companheiro de dor ao sentimento e ao intelecto: as digestões se

tornam difíceis, provam-se dolorosas sensações, frequentemente tem-se náusea: a pele, espelho da saúde geral, empalidece, e a fisionomia adquire um aspecto abatido e esquálido, que quase sempre revela a culpa aos olhos de um atento observador.

Vós que entendeis a sublime vontade do pensar e que endereçais a vossa vida a um objetivo, seja a religião, a ciência, a glória ou o afeto: por quanto vos é sagrada a dignidade do homem [a dignidade do cristão, acrescentamos nós], não vos deixeis seduzir por um vício que vos faria precipitar do alto em que vos colocastes ao lodo que está abaixo de vós, e vos despedaçaria nas mãos aquelas armas com as quais deveis combater os formidáveis inimigos que impedem o caminho da verdade, do belo e do bom. Se ainda não conheceis os imundos prazeres, não os estudeis nem mesmo como ludibrio da curiosidade ou como experiência, pois a prova seria perigosa. Se fatalmente o começastes a conhecer numa idade na qual o intelecto era ainda infantil, combatei o vosso inimigo com as armas mais poderosas concedidas ao homem com a suprema faculdade da mente que o unifica e o sublima com o querer. Educai esta faculdade preciosa com exercícios generosos e também temerários; querei tudo o que é difícil de conseguir; procurai construir a vida até onde Deus vo-la conceder e então encontrareis a sublime complacência de ter vencido, a qual vale o sacrifício dos frêmitos mais voluptuosos. Se a natureza não vos concedeu senão um fraco querer, associai-vos a aliados,



confidenciai o vosso segredo a um amigo (quem pode ser melhor amigo que um confessor?), univovos a ele e vencei o inimigo com a emulação, com o prêmio, com o castigo, com tudo aquilo que vos pode exaltar ou abater, em suma, tornai-vos dignos de uma das mais difíceis vitórias, de um dos aplausos mais gloriosos.<sup>4</sup>

Não se pense que a inocente vida de Fernandinho tenha sido efeito de um coração naturalmente insensível, de uma alma calma como as águas de um lago protegido dos ventos; porque também ele teve de sofrer a violência das tentações e experimentou a tremenda malícia das investidas de Satanás.

Lisboa era também então uma cidade exuberante de vida, pelo seu comércio, pelas suas belezas, pelo temperamento meridional dos seus habitantes.

Quantas vezes um desejo de glória o pungiu ao ver os navios que se preparavam para partir para terras distantes!

Quantas vezes um desejo de gozar os bens terrenos o perturbou momentaneamente à vista das boas mercadorias vindas de longe!

Quantas vezes a beleza fugaz, que brilhava nos sorrisos de tanta juventude, fez estremecer todo o seu ser, fez bater mais fortemente o seu coração! Mas foi um instante, porque ele estava habituado à mortificação dos sentidos,

---

<sup>4</sup> Mantegazza, *Fisiologia del piacere*, cap. IV. (N. do A). Talvez não seja inútil observar que estivemos um pouco “tentados” a cortar esta longa citação de Mantegazza, porque hoje pode parecer um pouco... exagerada. Poderá ser útil, todavia, assinalar neste contexto alguns livros justamente felizes (estão ambos na 12ª ed.) para uma correta “educação sexual”: M. C. Monchaux, *La verità sull'amore*. Educação sexual para jovens de ambos os sexos de 12-15 anos; Kurt Seelmann, *Da quindici a diciannove anni*. Desenvolvimento físico, psicológico, sexual e encaminhamento profissional da juventude moderna.

e seu coração sabia arrebatarse facilmente nas serenas esferas do sobrenatural, mediante a oração.

Na catedral de Lisboa se conserva ainda religiosamente a pedra, sobre a qual Ferdinando teria traçado uma cruz para espantar o demônio que lhe apareceu para incutir-lhe temor.

Segundo uma piedosa lenda este sinal, traçado pela pressão suave das mãos de uma criança, tornou-se tão impresso que não pôde mais ser apagado, nem pela asa voraz do tempo, nem pelos beijos dos peregrinos que vêm para venerá-lo.

Também para o jovem Fernando a prova mais terrível teve de sustentá-la contra o inimigo particular da juventude: a sensualidade.

Um dos seus mais antigos biógrafos nos diz de fato que, quando ele chegou à completa puberdade, começou a sentir os estímulos da concupiscência, o desejo de prazer. A este ajuntou-se um excitamento externo que deveria ser de veemência extraordinária.

O juvenzinho, que atuava como coroinha na catedral, não se havia afastado por isso da casa paterna, tanto mais que a igreja e a escola episcopal eram próximas do avoengo palácio.

Aí uma moça, que talvez estivesse a serviço da mãe, foi vencida pela beleza de Fernandinho, por seus modos doces e atraentes e, no paroxismo da paixão, não titubeou em chamar para si o patrãozinho e fazer-lhe propostas obscenas.

A tentação foi violenta: mas a vitória permaneceu com o castíssimo jovem que, rejeitada a impudente moça, começou a pensar mais seriamente na verdade daquelas palavras do Divino Mestre: "Todo o mundo sofre a influência do mal".

Observou mais atentamente aquilo que acontecia nos arredores e viu a corrupção também onde, antes, o seu

ânimo puro não teria suspeitado. Foi então que ele tomou a sua decisão e escolheu o caminho, porque lhe pareceu ter chegado à bifurcação que se chama de escolha do próprio estado.

Durante o seu serviço na catedral mais de uma vez lhe terá passado pela mente a ideia de tornar-se sacerdote secular.

Para ele, nascido de nobre estirpe, também aquela carreira poderia ter atrações terrenas que não teriam completamente obscurecido o fim principal: mas ele desconfiou de si mesmo. Pensou que, se até então tinha vencido o mundo, talvez com o tempo, em ocasiões mais perigosas, teria sido vencido por ele e, passando por cima de toda consideração de ordem humana, decidiu encerrar-se num claustro.

Ali ele teria podido igualmente colocar-se a serviço do próximo, à semelhança do tio que era professor na escola episcopal; mas teria ao mesmo tempo levantado um muro divisor entre ele e o mundo.

Para fazer isso precisava renunciar aos direitos que lhe competiam como primogênito; precisava abandonar o lar paterno, a suave companhia dos amados pais e dos outros familiares; precisava romper aqueles laços que não se partem sem que do coração saia alguma gota de sangue. Mas ele já estava decidido: *Porro unum est necessarium* (Uma só coisa é necessária: a salvação da alma), e superado todo obstáculo, entrou para a ordem dos Cônegos Regulares.

Em não muitos anos ele se tornará orador ilustrado, e reproduzindo um dia o estado de ânimo daqueles que, à semelhança dos apóstolos, abandonaram tudo para seguir Jesus Cristo, eis como manifestará aqueles que foram os seus sentimentos no momento de abandonar o mundo:

Deixamos tudo, ó Cristo, por teu amor; fizemo-nos pobres para ir atrás de tuas imensas riquezas, porque só tu és o verdadeiro Senhor que pode nos tornar verdadeiramente ricos. Nós te seguimos verdadeiramente, ó Jesus. Sendo tuas criaturas, seguimos-te como nosso Criador; sendo teus filhos, temos-te como nosso Pai. Como os pintainhos seguem a choca e se refugiam sob as suas asas, nós nos colocamos à sombra da tua proteção. Corremos a ti com o mesmo desejo e com a mesma ansiedade com a qual o faminto vai à procura de pão, e o peregrino suspira; porque a nossa pátria é o teu paraíso.

### III. A preparação para o apostolado

O mosteiro, no qual aos quinze anos, em 1210<sup>1</sup>, entrou Fernando filho de Martinho, era chamado de São Vicente de Fora, assim denominado porque a sua igreja era dedicada ao santo mártir de tal nome e porque pela sua situação encontrava-se fora das portas de Lisboa.

Tinham-no mandado construir o rei Afonso I e a rainha Mafalda de Savoia, quando Lisboa ainda estava na posse dos mouros e as milícias reais mantinham-na sitiada.

A ereção daquela igreja do mosteiro, dependente da abadia de Coimbra que lhe forneceu religiosos, queria ser um ato propiciatório para obter vitória para as armas cristãs, e um sufrágio perene pelas almas daqueles que combatiam sob o estandarte do rei.

Os religiosos eram Cônegos Regulares, quer dizer, clérigos que viviam segundo as normas, com as quais o grande bispo de Hipona Santo Agostinho havia organizado as suas comunidades de sacerdotes, antes e depois da sua elevação ao episcopado.

---

<sup>1</sup> Também esta data não é exatamente segura, como todas as outras datas até 1220; no 2º apêndice sugerimos como data mais provável 1208-1210. Quanto a São Vicente, do qual se fala logo depois, trata-se de São Vicente diácono, o mais célebre mártir da Península Ibérica, que é festejado a 22 de janeiro: cf. M. Sgarbossa – L. Giovannini, *Il santo del giorno*, Edizioni Paoline, 1989, págs. 49s.

Tinham, em relação às outras ordens monásticas, a vantagem de contar com certa liberdade de ação, que se traduzia em ocupações dedicadas ao serviço das almas. Empenhavam-se em celebrar na igreja à qual estavam destinados: e para melhor atender a todos os ministérios sacerdotais, dedicavam-se ao estudo particular da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, que eram, são e deverão ser as fontes principais da pregação católica.

O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ao qual logo faremos algumas menções, porque será brevemente a morada de Fernando e o lugar da sua preparação cultural, foi fundado nessa cidade, então capital do reino, por São Teotônio, na primeira metade do século XII.

Foi dotado também este pela generosidade do rei Afonso e da rainha Mafalda, que quiseram nessa igreja os túmulos dos reis.

Teotônio, por sua vez, com a palavra e com o exemplo fez com que os seus religiosos, vivendo santamente, tornassem santo e venerável o lugar e, assim como a santidade no sacerdote não pode estar separada da ciência e das doutrinas sagradas, quis enriquecer com uma biblioteca o seu mosteiro, e enviou com esse objetivo discípulos doutos e piedosos para outros mosteiros, para copiar os escritos dos Padres da Igreja que estavam faltando na biblioteca do seu mosteiro, que se tornou um importante centro de cultura.

O primeiro contato de Fernando com os Cônegos Regulares foi na própria cidade, em São Vicente de Fora. Ali ele vestiu o hábito deles, fez o noviciado e emitiu a profissão religiosa.

Temos poucas notícias, apenas algumas palavras sobre o seu fervor de noviço; mas quão grande tenha sido a

sua piedade e o seu recolhimento, quanta a mortificação dos sentidos e o estudo das coisas sagradas, podemos vê-los nas suas decisões.

Como quando admiramos uma árvore carregada de frutos não temos dúvida sobre qual tenha sido a sua floração, assim devemos argumentar sobre o noviciado de Fernando.

Haviam passado apenas dois anos do seu ingresso em São Vicente de Fora, quando pediu que o deixassem ir para a abadia de Coimbra. Aí está exatamente o fruto dos primeiros dois anos de vida espiritual: e nós nos persuadiremos disso se apenas observarmos as razões que desta passagem dão os seus biógrafos.

Se bem que seus pais, religiosíssimos, não se tivessem oposto ao seu ingresso na religião, nem por isso deviam ter se mostrado entusiasmados.

Talvez a sua permissão tivesse sido dada com a secreta esperança de que tudo se teria reduzido a uma breve experiência, depois da qual o jovem, habituado a todas as comodidades da vida, teria sentido a necessidade de retornar para a casa paterna.

Isto se deduz do fato que eles frequentemente iam conversar com ele, e se não se atreveram a aconselhar-lhe o retorno, não se opuseram, todavia, às argumentações que faziam outras pessoas da família em sua presença. Os discursos dessas pessoas não eram certamente feitos para inflamá-lo predominantemente nos propósitos de perseverança.

Procurava-se fazer-lhe retornar à mente as riquezas abandonadas, a comodidade, o luxo da casa, as glórias dos antepassados e também os belos exemplos de virtudes religiosas e civis daqueles, para insinuar-lhe como, mesmo estando no mundo, ele teria podido prover não só ao bem da sua alma,

mas também ao bem do próximo, comumente oprimido por maus e cruéis patrões. Serviam-se de mil recomendações e procuravam acentuar o afeto até a poder de desmaios.

Alguns chegaram até a ameaçá-lo, caso em breve ele não se retirasse daquela vida, que diziam não ser adequada para ele.

Mas Fernando tinha já compreendido outra palavra do Divino Mestre: “Quem coloca a mão no arado, e depois se volta para trás, não é digno do reino de Deus”, e resistiu tanto às lisonjas quanto às ameaças.

Todavia essas conversações eram coisas desagradáveis para ele, essas lutas enojavam-no, e talvez também, sempre humilde em si mesmo, lhe parecesse que o melhor partido teria sido o de abandonar o campo de batalha. Resolveu então deixar Lisboa e passar para outra casa da ordem.

Não devia causar espanto esta insistência dos parentes do santo, apoiada talvez em parte pelos pais dele, que também descrevemos como pessoas excelentes sob o aspecto religioso. É história de todos os tempos esta aversão ao claustro de certos bons pais, aos quais obscurece um tanto a vista o afastamento do filho, que a vocação religiosa exige seja completo.

A esta razão do distanciamento da pátria, uma outra se lhe acrescentava. O ingresso de Fernando no claustro tinha sido uma coisa clamorosa em Lisboa. Ver um jovem por sua conta abandonar as riquezas com tanta generosidade, tinha justamente feito conceber uma outra estima dele, havia-lhe formado uma auréola antecipada de santidade, que ia crescendo de dia para dia sempre mais, até a sua profissão.

Ao jovem professo recorriam como a um oráculo muitos que o tinham tido como pequeno amigo e, retirando-se



sempre edificados, com a maior boa vontade aí retornavam: porque a verdadeira santidade, como diz São Paulo, “não é ambiciosa, mas benigna, paciente, tudo suporta e tudo espera”, tem o poder de tornar-se admirável e dobra ao respeito.

A humildade e a prudência aconselhavam também em tal caso a fuga, para a qual, penso eu, deve ter contribuído também uma outra razão de ordem intelectual. O mosteiro de Coimbra tinha, deste lado, uma fama tão alta de ninho da ciência, superando em muito aquela da filial de São Vicente de Fora. A generosidade real, também depois da morte do fundador, tinha permitido à sua biblioteca enriquecer-se até o ponto de ser célebre em todo o reino.

Fernando que, abraçando o estado religioso, tinha em mira a salvação das almas, deve ter compreendido quanta vantagem lhe teria derivado deste lado no mosteiro de Santa Cruz, e pediu a transferência.

Um superior egoísta que tivesse olhado não para o bem das almas, mas para a utilidade própria e a do mosteiro, teria encontrado mil razões para negá-lo, mas não era assim o abade de São Vicente de Fora, o qual compreendeu a justeza das razões apresentadas e, embora visse com grande dor a partida daquele excelente entre os seus religiosos, concedeu-lhe a permissão.

Coimbra está distante de Lisboa três dias de caminho por terra; mas não sabemos se por terra ou por mar o jovem cônego chegou ao novo refúgio.

Encontrou aí o superior dom João César, e mestres de teologia um dom Raimundo e um outro dom João, laureados em Paris. Logo compreendeu quão grande proveito teria tirado das suas lições e nas conversações familiares com homens de tanta doutrina e felicitou-se pela decisão tomada.

No silêncio daquele claustro real ele fez grandes progressos na via das virtudes. Ali ele não teve mais as visitas importunas dos parentes e amigos. Ali parecia que a sua fantasia se tivesse acalmado, nem tomava mais o predomínio momentâneo sobre as maiores faculdades da mente. Tudo lhe falava de virtudes, tudo lhe repetia o seu dever de se aplicar ao estudo, especialmente da Sagrada Escritura, na qual procurava assiduamente não só o sentido literal, mas também o alegórico, do qual muito se serviam os oradores do seu tempo. Diz-nos Tommaso de Pavia:

Em Coimbra, o padre Fernando levava uma vida acima de tudo fervorosa. E visto que não merece louvor aquele que esteve em Jerusalém, mas sim aquele que aí viveu santamente, segundo o dizer de São Jerônimo, ele soube tirar proveito da santidade daquele mosteiro, tornando-se um modelo para cada um que aspirasse à vida de perfeição. Com grande tenacidade cultivava o próprio espírito e se exercitava na meditação, não cessando de dedicar às boas leituras todo o tempo que lhe restava livre depois das ocupações comuns, seja de dia seja de noite. Destas sagradas leituras tirava as reflexões que o iluminavam sobre filosofia da história, e comparando então os casos da própria vida deles tirava incitamento à virtude, enquanto se colocava em guarda contra as armadilhas da heresia.

Nem facilmente esquecia aquilo que tinha lido, porque antes a tenaz memória costumava reproduzi-lo para novamente meditá-lo, tanto que se tornou tão profundo conhecedor das divinas Escrituras, que despertou em muitos a admiração.

Ele era – nos diz um outro biógrafo – de grande e versátil inteligência; no falar franco e aberto, de férrea memória, assíduo mais que os outros ao estudo, que prolongava até altas horas, tirando tempo do sono e da recreação. Parcimonioso no tomar o alimento e mais parcimonioso no beber, austero no que se referia a si mesmo, assíduo na oração e profundo na meditação.

O seu modo de tratar era, porém, simples e jovial, de modo que na comunidade era exemplo de indulgente doçura e de caritativa justiça.

Não havia nele vanglória, nem ostentação, mas pudica castidade e atitude humilde, tanto que quem não o tivesse conhecido não teria formado dos seus dotes intelectuais um juízo conforme a verdade.

O seu tempo ele o havia distribuído com tal atenção e discernimento para não perder um só instante em vaidades ou ocupações estranhas ao seu estado; e por isso mesmo que foi recatado por natureza, não concedeu senão pouco tempo para o alimento frugal e para um brevíssimo repouso.

Nada é mais precioso que o tempo – dirá mais tarde –, e no entanto nada se despreza com tanta leviandade! Passam os dias, nos quais cada um deveria cuidar da própria salvação; e, ao invés, quão poucos pensam nisso! Os dias se vão, e ninguém se acusa de deixar sem fruto um dia que nunca mais voltará. Se muito fosse o tempo dado a nós por Deus, deveríamos todavia empregá-lo com grande cautela. Como não deveremos

então ser dele avaros, visto que tão pouco temos dele à nossa disposição? “Meu filho, conserva o teu tempo” – diz o Eclesiástico – “porque é coisa sacrossanta.”

Oito anos passou padre Fernando no mosteiro de Santa Cruz, os quais, unidos aos dois passados em São Vicente de Fora, formam dez anos de vida religiosa entre os Cônegos Regulares. Pouco mais de outros tantos ele passará nos conventos franciscanos, mas nestes últimos anos de vida ele realizará coisas admiráveis, pelas quais a sua fama será duradoura no mundo.

Ao invés, a vida de cônego regular foi a preparação escondida, mas necessária ao apostolado; e foi tão perfeita e completa que todo o resto fluirá naturalmente.

Padre Fernando será mestre na escola seráfica: mas a sua ciência se formou toda em Coimbra, através dos códices preciosos daquela biblioteca; será corajoso orador, profundo conhecedor das Sagradas Escrituras: mas aquele conhecimento é efeito das suas meditações nos claustros de Santa Cruz; será um taumaturgo: mas esta virtude externa não será senão efeito da inteira santidade, que já se manifestava sobrenaturalmente até mesmo ao toque de suas vestes de cônego regular.

Com isso não quero dizer que ele do dia em que mudou de hábito não tenha progredido, porque não progredir na vida da virtude teria sido o mesmo que destruir todo o passado: quer dizer que o apóstolo já estava formado na doutrina e na santidade.

E já que tocamos no sobrenatural, eis os fatos na sua simplicidade.

Fernando teve uma vez o encargo de enfermeiro, no tempo que se encontrava na enfermaria um confra-

de muito tentado pelo demônio. A opressão diabólica o tinha tornado odioso a si mesmo e aos outros, pelo que nada o contentava, em tudo encontrava razão de rir, aconteciam-lhe excessos de cólera que preocupavam os seus confrades.

Padre Fernando, conhecido o estado deplorável daquele pobrezinho, um dia tirou a própria murça e com ela cobriu o enfermo, orando por ele, e a sugestão diabólica desapareceu, deixando o pobre doente na maior tranquilidade por todo o resto da sua enfermidade.

Este outro prodígio vem confirmar o seu culto pela eucaristia, que já mencionamos na lenda dos pássaros presos na vila.

O seu amor pela eucaristia foi um amor precoce, e Deus quis tornar patente com um milagre quanto lhe era agradável.

Certo dia ele estava incumbido de um humilde serviço que lhe impedia assistir a santa missa, mas quando as campainhas soaram dando o sinal de que o celebrante alçava a hóstia consagrada, Fernando se ajoelhou para adorá-la, e então miraculosamente se abriram as paredes intermediárias e lhe deram um modo de avistar o altar e de se prostrar comovido ao presente Senhor sacramentado.

Deste fato estabeleceu-se o costume em Santa Cruz de Coimbra, e se pratica ainda agora, de ajoelhar-se no momento da elevação.

Oh!, como foram proveitosas a Fernando as visitas frequentes ao tabernáculo, e a aproximação prolongada aos santos altares.

A sua fé se fortalecia, porque ele sentia realmente a Divina Presença, e via Jesus através dos véus eucarísticos: crescia a sua esperança, porque considerava no pão eucarístico o penhor da glória futura; acendia-se a sua caridade,

adorando na hóstia a mais elevada manifestação do amor de Deus pelo gênero humano.

E qual deve ter sido o seu fervor, quando pela primeira vez subiu ao santo altar para imolar o manso Cordeiro, imolado pelos pecados do mundo!

Tudo nos leva a crer que foi no próprio mosteiro de Coimbra que ele foi elevado ao sacerdócio; foi exatamente pela sua consagração sacerdotal que a sua preparação se tornou completa.<sup>2</sup>

Mais tarde, nas suas pregações, eis como ele falava da eucaristia:<sup>3</sup>

O Senhor dos exércitos fará a todos os povos sobre este monte um banquete com carnes gordas, um banquete de vindima. Banquete gordo, porque como o pai do pródigo, para se reconciliar com o filho, matou os vitelos mais gordos e quis ricamente preparadas as mesas, assim Deus quis morto o seu Filho para reconciliar-se com os homens. Desta reconciliação vem o banquete novo que se iniciou na última ceia e que se perpetua no santo altar.

Na Igreja todo dia se renova o mistério e se distribui aos fiéis o novo alimento que desceu do céu, o qual, a quem dignamente o recebe, confere unções de dupla fartura, porque adoça as amarguras da vida e nutre a verdadeira e santa devoção.

---

<sup>2</sup> No 2º apêndice propomos como provável data para a ordenação sacerdotal o ano 1218, quando o agostiniano Fernando devia ter no máximo 30 e no mínimo 23 anos; provavelmente teria 26.

<sup>3</sup> Para outros textos selecionados de Santo Antônio sobre a Eucaristia, cf. D. Scaramuzzi, *Alla scuola del Santo di Padova*, Edizioni Paoline, 2ª ed., 1981, págs. 159-164.

O maná descia do céu, e Jesus, descendo do céu, na encarnação, e deixando o seu corpo como alimento, renova as maravilhas já produzidas do maná para os antigos hebreus, no deserto. De fato o vocábulo “maná” significa etimologicamente “O que é isto?”; e todos podem dizer igualmente do corpo do Senhor, porque os efeitos são tão magníficos e portentosos que superam em muito aqueles do antigo maná dos hebreus.

Todo dia os hebreus recolhiam um *gomor*, isto é, uma medida de maná, e nas festas dois *gomor*. *Gomor* significa consolação e perfeição, porque o alimento eucarístico é necessário à nossa consolação e nos conduz à perfeição do céu.

Terminados os seus estudos e elevado ao altar, padre Fernando estava, pois, bem preparado para o ministério, e certamente lhe teria recolhido frutos copiosos, quando um fato inesperado abriu uma saída imprevista, mas desejada, para a sua atividade.

Dissemos já que ele havia progredido muito nas ciências sagradas, não só, mas mais na santidade. Ora esta, a santidade não se contenta com as flores, mas quer os frutos.

Trabalhar para a glória de Deus no claustro de Coimbra, talvez entre as aclamações de uma cidade, parecia ao santo bem pouca coisa. O sacrifício lhe teria sido tão leve que seria ainda tachado de ocioso na vinha mística.

Conhecedor profundo das histórias eclesiásticas, ele havia tantas vezes meditado sobre as fadigas apostólicas de tantos padres da Igreja, que tinham enfrentado, pela

glória de Deus, privações e miséria, insultos e perseguições: alguns tinham dado o sangue e a vida pela defesa da doutrina de Cristo para levar a bela semente da sua palavra entre povos bárbaros.

Por que não poderia ter feito a mesma coisa?

Na sua própria pátria havia muitos infiéis, seguidores de Maomé. Por que não lhes teria anunciado Jesus crucificado? E, melhor ainda que na pátria, por que não teria podido atirar-se para o distante Marrocos?

O martírio tornou-se o sonho da sua vida; mas talvez não se tivesse encaminhado pela estrada que a ele podia conduzir, se um fato novo não tivesse feito cintilar a centelha que conservava cuidadosamente no coração, estimulando-o assim a um passo decisivo.



---

## IV. Os mártires em Marrocos

São Francisco de Assis, que tinha estado de passagem em Portugal no ano de 1214, já havia aberto casas naquelas distantes regiões.

A rainha Urraca, esposa de Afonso II, conhecera o Seráfico Pai, e ficou encantada com a sua simplicidade e suas virtudes, e sentiu-se feliz por dar aos filhos dele uma localidade, próxima da capital, aonde costumava dirigir-se para conversar com os pobres solitários, que lhe recordavam o *Poverello*.

O local dado pela rainha tinha plantação de oliveiras, e por isso assumiu o nome de Santo Antônio de Olivares, depois que os frades dedicaram a sua igreja ao grande eremita da Tebaida [Antônio ou Antão]. Ao redor tinham construído rústicas cabanas de palha e estacas; e lá viviam a sua vida em oração e mortificação, separados da convivência com o mundo, já que aquilo mais que um convento propriamente dito, era na verdade um eremitério.

Raramente se viam em Coimbra os fradezinhos: para aí se dirigiam algumas vezes, sempre dois a dois, e também por turnos, para esmolar um pedaço de pão, quando não eram suficientes os poucos frutos dos arredores de Olivares. Alguma outra vez iam lá para satisfazer o desejo que a rainha tinha de se entreter com eles em conversações espirituais.

Seja num ou noutro caso, o seu recolhimento principal era a abadia de Santa Cruz, onde por algum tempo padre Fernando teve o ofício de porteiro, solicitado para exercitar a humildade.

Este ofício lhe permitia entreter-se muito mais que os outros com os queridos hóspedes da hospedaria.

Ele percebeu crescer, pouco a pouco, a simpatia por aqueles pobrezinhos dos quais admirava o completo desapego de todas as coisas terrenas, a humildade, a obediência incondicional.

Os frades possivelmente alguma vez lhe falavam do santo pai deles. Diziam-lhe como o filho de Pedro Bernardone, cavaleiro formado e jovem galante no meio das mais alegres companhias, tinha desposado a Senhora Pobreza, para tornar-se mais semelhante ao Divino Mestre; como ele tinha encontrado grande número de companheiros; como era simples a vida do pai e dos filhos, os quais viviam em tudo sem se preocupar com as coisas do mundo, e só atentos às coisas do céu; como o Senhor havia demonstrado agradar-lhe essa forma de vida, realizando prodígios para a confirmar.

Certo dia lhe adiantaram que o Seráfico Pai deles tinha destinado alguns irmãos para evangelizar os infiéis; disseram-lhe que Francisco tinha partido para o Oriente com este escopo e com a secreta esperança de encontrar ali o martírio, que também em Olivares haviam se reunido alguns frades que iriam para Marrocos com a mesma finalidade.

Padre Fernando efetivamente viu os cinco frades missionários que vieram pedir por caridade hospedagem por algum tempo; falou com eles; disse-lhes que estava contente pela sorte que tiveram e recomendou-se às orações deles.

Sem o perceber, ele tinha já se tornado franciscano no coração, e a nostalgia de Olivares se fazia sentir na sua alma, porque ele sonhava com Olivares como ponto de partida, de onde teria iniciado o voo que o conduziria ao martírio.

O afeto pela abadia de Santa Cruz, e pelo próprio hábito de cônego regular era todavia muito poderoso nele: e este afeto não lhe permitia concretizar seus sonhos. O empurrão definitivo o teriam dado, por sua vez, os cinco missionários que estavam prestes a partir para Marrocos.

Quem eram eles?

Chamavam-se frei Bernardo, frei Pedro, frei Adiuto, frei Acurcio e frei Oton, todos italianos: alguns da Umbria, outros da Toscana.

Certo dia frei Francisco os havia chamado para perto de si e tinha dito a eles com a habitual simplicidade: “Filhinhos meus, o Senhor me mandou enviá-los para o país dos saracenos para pregar e confessar a fé nele”.

“Nós estamos prontos à obediência”, responderam eles.

E Francisco: “Para que possais, meus amados filhos, melhor cumprir a divina vontade e prover assim também à salvação da vossa alma, procurai que reinem entre vós a paz, a concórdia e o vínculo indissolúvel da caridade. Suportai pacientemente as adversidades, e nas coisas prósperas rendei graças ao Senhor, porque só assim vencereis as vossas batalhas. Imitai o bendito Jesus na obediência, na pobreza, na castidade; não esqueçais nunca que ele nasceu pobre e assim viveu e morreu. E para nos mostrar quanto estimava a castidade, quis nascer de Mãe Virgem, escolheu as primícias dos mártires entre os virgens, e a multidão dos virgens lhe constitui a coroa no céu. Também a obediência ele cumpriu até a morte, e a morte de cruz. Colocai, ó meus filhos, em Deus toda a vossa confiança e ele vos guiará e

será o vosso sustento. Levai convosco só um exemplar da santa Regra, que sempre deveis observar e um breviário para a recitação quotidiana do divino ofício; e obedecereis todos àquele que for constituído superior. Eu me alegro, meus filhos, pela vossa partida; mas também a amargura enche a alma. Alegro-me pela vossa obediência; mas é difícil a mim precisar deixar-vos. Seja feita todavia a vontade do Senhor, cuja paixão tereis sempre diante da vossa mente, a fim de que dela venha para vós a força de sofrer por Aquele que morreu para resgatar nossos pecados. Ide, meus filhos, e confiai em Deus, porque como ele vos envia, vos dará igualmente força e poder, depois que vos tiver feito conhecer a sua santíssima vontade”.

Os cinco frades colocaram-se então ajoelhados diante do pai querido que os havia abençoado, com os olhos velados pelo pranto, dizendo: “Desça sobre vós a bênção de Deus Pai, como desceu sobre os apóstolos, e vos ministre força, direção e conforto nas tribulações. E não tenhais medo, porque o Senhor está convosco, como um forte armado”.

Reunidos os cinco em Coimbra, a rainha Urraca chamou-os e ajudou-os de todas as formas no propósito deles. Depois, antes de os despedir, pediu a eles que, em troca dos benefícios temporais que a eles havia concedido, a ela indicassem o dia da sua morte.

Os cinco esquivaram-se, alegando não ser profetas; mas a insistência de Urraca foi tão forte que eles, depois de longa oração, obtiveram do Senhor a revelação do dia da morte da rainha, e quando retornaram a ela, lhe disseram: “Não vos angustieis, ó senhora, com aquilo que estamos para vos dizer e que o Senhor nos revelou; mas, ao invés, alegrai-vos, porque tudo aquilo que acontece, não acontece senão para o vosso melhor bem; porque Deus nos ama

mais do que nós não amamos a nós mesmos. E ele nos revelou que dentro de não muito vos chamará para si. Mas isto não acontecerá antes que nós tenhamos cumprido o nosso martírio. De fato, nós daremos nossas vidas por ele, em Marrocos, e os nossos restos mortais serão pelos bons reconduzidos para esta cidade. Vós mesma, com o vosso real marido e todo o povo, vireis para nos encontrar. Então recordai-vos que se aproxima o dia da vossa partida”.

Depois de se despedirem da rainha, os cinco partiram para Alenquer, onde a irmã do rei, a santa virgem Sancha, os hospedou, até o momento de poder embarcá-los para Sevilha, que ainda estava na posse dos mouros, e que eles quiseram como primeiro campo do apostolado deles.

Pouco faltou para que os cinco franciscanos recebessem em Sevilha a coroa deles, visto que, reunidos na cidade, dirigiram-se diretamente ao Miramolim [califa ou chefe dos crentes], o qual não gostando do que disseram, pronunciou contra eles a sentença capital, que foi depois comutada em decreto de expulsão, que lhes permitiu entrar em Marrocos.

A serviço do Miramolim de Marrocos estava então um irmão do rei Afonso de Portugal, o qual, tendo se desentendido com o rei, tinha passado para a dependência dos mouros, mesmo mantendo-se fiel à religião católica.

A Providência divina, que sabe tirar do mal o bem, serviu-se exatamente dele para facilitar aos franciscanos a sua missão, e depois para salvar-lhes as relíquias.

Dom Pedro (assim se chamava o irmão do rei) acolheu os missionários e os libertou uma primeira vez da ira do tirano, procurando depois fazê-los embarcar para a Europa. Mas, os frades, iludindo a vigilância daqueles que os acompanhavam, retornaram para a capital onde, novamente, foram detidos e postos na prisão, e foram uma segunda vez

libertados pela intervenção de dom Pedro, que os elevou a capelães do seu exército, esperando que encaminhando o zelo deles para os soldados cristãos, teriam cessado de pregar aos muçulmanos, pondo em perigo as próprias vidas.

Foi durante este tempo que frei Bernardo fez miraculosamente jorrar uma fonte de água límpida para matar a sede do exército, dizimado pelas consequências de uma longa seca. Isto lhe atraiu as simpatias dos próprios muçulmanos e proporcionou a ele e aos companheiros certa liberdade de ação, da qual logo se valeram para pregar novamente aos muçulmanos.

Assim um dia, tendo sabido que o Miramolim se dirigiria ao sepulcro dos seus antepassados e predecessores, aguardaram-no na via pública, e frei Bernardo subindo em um carro, se pôs a pregar o Evangelho, com grande ira do Miramolim, o qual ordenou que fossem submetidos aos mais cruéis tormentos.

Chamados a julgamento, disso tomaram argumento para disputar e refutar novamente os erros do Corão; pelo que o juiz ordenou que fossem espancados cruelmente com varas, e então fez derramar vinagre e sal nas feridas sangrentas, abandonando-os depois às injúrias do populacho, o qual se manifestou brutalmente, como sempre costuma fazer a multidão ignorante e fanática.

Amarrados as mãos e os pés, foram arrastados por longo trecho da estrada, rolando-os desnudos pelas pedras cortantes, arrastados à força de pontapés e empurrões e açoitados de tal maneira a pôr a descoberto as vísceras, fazendo-os um trapo indecoroso, até avançada noite.

Depois os lançaram no cárcere onde, confortados por celestes visões, se animavam reciprocamente com as mais fervorosas exortações e orações. Reconduzidos novamente ao Miramolim, ele procurou primeiramente vencê-los com

lisonjas e promessas, depois, percebendo que com eles não conseguia nada, ele mesmo empunhando uma cimitarra, partiu a cabeça deles ao meio, dividindo o crânio no meio da frente.

Era o dia 16 de janeiro de 1220.

Nesse mesmo dia, e no mesmo instante do martírio, eles apareceram para a princesa Sancha, tendo cada um na mão uma espada, sinal do seu triunfo.

Estes foram os primeiros mártires franciscanos.

Assim que o Seráfico teve disso notícias, exclamou exultante: “Agora sim posso dizer verdadeiramente que tenho cinco frades menores!”. Depois voltando o seu rosto para o lado de Portugal, abençoou com uma especial bênção o convento de Alenquer, do qual eles tinham partido para Marrocos, dizendo: “Bendito sejas tu, ó local do Altíssimo, que deste à luz cinco flores belíssimas e encantadoras ao céu: flores de cor rósea e vermelha, de perfume suave, gloriosas primícias da nossa ordem ao Rei do céu. Não falem jamais em ti frades que observem a lei do Senhor!”.

Os corpos dos cinco mártires foram entregues ao povo muçulmano, que deles escarneceu, arrastando-os pela cidade e expondo-os depois no campo para alimento dos animais, mas dom Pedro conseguiu pegá-los antes mesmo de serem atacados pelos animais; e tendo-os envolvido em panos de seda, colocou-os em duas caixas preciosas que guardou no seu palácio.

Isto afastou dele inteiramente as simpatias do Miramolim, e ele, percebendo em tempo, fugiu com o precioso tesouro, em vão perseguido pelos homens do tirano.

Da Galícia enviou as relíquias para Coimbra, onde foram recebidas pelo rei e pela rainha (que logo os seguiu aos céus, conforme a profecia deles) e todo o povo jubiloso, que

os acompanhou até a abadia de Santa Cruz, para lhes dar honrosa sepultura naquela igreja.

Eles foram recebidos como um depósito sagrado pelos Cônegos Regulares, e entre eles padre Fernando, o qual recordando as santas conversas tidas com eles, apenas um ano antes, sentiu agigantar-se a sua sede de martírio, e um desejo insistente de pegar o lugar de apostolado deles.

“Ó, se o Altíssimo” – andava repetindo para si mesmo – “se dignasse colocar-me ao lado da coroa dos seus mártires! Ó, se uma espada separasse do corpo a minha cabeça enquanto eu ajoelhado ofereço meu pescoço ao carrasco pelo nome de Jesus bendito! Mas chegarei eu a isso? Serei eu tão venturoso?”

Entretanto vinham frequentemente os frades de Olivares também para venerar os despojos mortais dos cinco confrades que padre Fernando e os cônegos de Santa Cruz honrosamente guardavam. Os discursos dele tornavam-se mais fervorosos e as perguntas sobre sua vida e santa conversação mais insistentes.

O pedido de ser aceito entre eles ainda não estava nos seus lábios, mas transparecia em suas palavras, nos seus olhares, na delicadeza com que acolhia os bons eremitas, e com o descontentamento sempre maior quando se separava deles.

Uma determinada manhã, enquanto celebrava a santa missa com o fervor de costume, o Senhor tornou-o digno de uma visão, que foi para ele a aprovação do Altíssimo aos seus silenciosos desígnios.

Viu um frade menor de Olivares, com o qual mais de uma vez tinha se entretido em santa conversação, abandonar seus despojos mortais; pareceu-lhe que a alma dele, em forma de anjinho, atravessasse rapidamente as chamas do purgatório, para se lançar depois com rápido voo ao céu.



Então os pobrezinhos de Francisco se dirigiam tão facilmente para a pátria feliz?

Antes os cinco protomártires franciscanos, agora o pobre eremita de Olivares pareciam dizer-lhe: “E por que não nos segues? E por que não vens conosco?”

Um dia, enquanto orava também mais fervorosamente, em uma capela do mosteiro, para ter conselho do céu, pareceu-lhe ver o *Poverello* de Assis que o convidava para segui-lo.

Viu-o com aquele aspecto simples e benigno, como tantas vezes lhe haviam descrito os seus filhos de Olivares.

Quando poucos dias depois, dois deles tornaram a bater na porta da abadia, ele os acolheu como irmãos; e depois lhes disse: “Meus queridos, eu desejo ardentemente vestir o vosso hábito; nem outra coisa peço a vós e ao vosso e ao meu superior senão a promessa do vosso consentimento à minha partida para Marrocos, onde eu tenho a intenção de entregar a minha vida por Jesus, se for necessário para a propagação do seu Evangelho, como fizeram os vossos santos confrades”.

O que poderia encontrar de obstáculo a este desejo a santa simplicidade franciscana?

Os frades de Olivares alegraram-se imensamente, e percorrendo novamente com a memória a caridade, com a qual sempre benignamente os havia acolhido, ao duto falar com o qual os tinha santamente edificado e maravilhado, ao zelo com o qual tinha honrado os mártires marroquinos, quase temendo que qualquer obstáculo pudesse surgir à realização do belíssimo desígnio, fixaram sem delongas o dia seguinte para o seu ingresso em Olivares.

Enquanto eles levaram a notícia aos próprios confrades, ele pedia a licença ao seu superior.

Narra-se que o abade de Coimbra, assim que tomou conhecimento do projeto de padre Fernando, respondeu com uma enérgica recusa, mas depois, vencido pelas insistências dele, que soube bem fazer valer as suas razões, rendeu-se, mas com a mais profunda mágoa.

Certamente que o abade de Coimbra deveria ser um homem de espírito e segundo o coração de Deus, porque demonstrou saber antepor o bem das almas ao bem da própria comunidade.

De fato era evidente que a decisão do padre Fernando provinha do desejo de maior perfeição e do zelo apostólico; porque, não obstante o mosteiro de Santa Cruz ser verdadeiramente uma casa santa, que tinha germinado e produzia ainda perfumadas flores para o paraíso, incomparavelmente mais o era o mosteiro de Olivares, e Fernando, passando de uma família religiosa para outra, não fazia mais que reforçar os vínculos que o estreitavam à perfeição.

Ele emitira o voto de obediência; e com este voto ficou mais estreitamente ligado a Olivares; visto que, naturalmente falando, é muito mais fácil obedecer a um homem douto e sensato, como era o abade dos Cônegos Regulares, e não a um homenzinho desprezível, segundo o mundo, privado de ciência e talvez nem mesmo sacerdote, como era provavelmente ou poderia ser o seu futuro superior.

Também a pobreza tinha prometido ao Senhor, e ele a tornava mais completa e total, porque ali havia uma diferença entre o bem-estar do mosteiro de Coimbra e a miséria (aqui a palavra calhava bem) de Olivares. Talvez ele mesmo devesse ir pedir esmolas pelas ruas de Coimbra, onde se não era de todos conhecida a sua família e nobreza, como em Lisboa, era todavia conhecido como homem exemplar e douto, reverenciado e estimado pelos dons morais e pelo

mesmo hábito que vestia. Talvez, logo teria sido mandado a pedir um pedaço de pão aos seus próprios confrades cônegos, que tanto o tinham em apreço, e nos quais teria ficado um resíduo de rancor por terem sido por ele abandonados, depois que deles tinha recebido uma carinhosa educação e a mais cuidadosa instrução.

E que este rancor, tão natural, embora não tão virtuoso tenha existido verdadeiramente provam-no as palavras que um de seus antigos confrades lhe disse ironicamente no ato da partida: “Vai mesmo, vai mesmo, que assim te tornarás santo!”, quase como se tivesse querido dizer: “Se tu mirasses realmente a santidade, poderias alcançá-la no teu mosteiro, como em outro lugar qualquer”.

Mas padre Fernando, em vez de acolher a insinuação, seguro sobre o que buscava e mostrando crer que também o confrade fosse amante da glória de Deus, lhe respondeu: “Quando te disserem que eu me tornei santo, estou certo que por isso agradecerás ao Senhor!”.

Se não era uma profecia, era certamente uma inflamada aspiração à santidade.

Fiéis à promessa, no dia seguinte retornaram os franciscanos de Olivares e trouxeram uma tosca túnica, um capuz e um cordão de cânhamo. Era a nova veste do padre Fernando, da qual já andava tão enamorado, que quis vesti-la antes mesmo de deixar a abadia de Santa Cruz.

Se bem que este fato seja contrário a todo uso é todavia certíssimo, porque nesse particular concordam as mais antigas fontes.

Talvez para uma homenagem que padre Fernando quis prestar aos cinco protomártires franciscanos, pelos quais tinha sido nele acesa a fagulha do amor pela nova ordem, talvez porque ele já estivesse enamorado da

Senhora Pobreza, quis entrar vestido pobrementemente no eremitério de Olivares.

Verdadeiro seguidor do Seráfico de Assis, imitava-o desde o início da sua conversão, e como Francisco na presença de seus conterrâneos e diante do bispo de Assis havia despido as vestes, para não ter mais qualquer ligação com o passado, assim também padre Fernando depôs seu hábito honorável de cônego regular para ser mais expedito a correr na nova arena.

Mesmo assim deve ter-lhe sido dolorosa a partida.

Em Santa Cruz de Coimbra ele havia passado os anos mais belos da sua vida; aqueles anos em que aconteça o que acontecer, ninguém mais pode esquecer.

Ali tinha ele entrado aos dezessete anos, com todo o entusiasmo da sua juventude, imune de culpa, e por isso imensamente sedento da verdade e do bem, com seu cortejo de ilusões e desejos, com aquela confiança completa que não teme obstáculos, antes alguma vez os pede para ter a satisfação de os poder superar.

Ali tinha entrado e tinha saboreado as mais puras satisfações do espírito; enriqueceu-se de conhecimentos, alcançou o ápice da ciência daquele tempo; chegou àquele cume de doutrina, à qual tantas vezes tinha aspirado, como a um estado de quietude e de perfeição, capaz de contentar aquela sede de saber, que é natural na pessoa inteligente e desejosa de subir, não pelos degraus da ambição e das vaidades, mas por aqueles do próprio aperfeiçoamento moral.

Agora dali saía com a firme convicção de que não basta a ciência, mas é necessária a ação, porque a caridade quer o bem do próximo e o bem da sabedoria é difundir-se por sua própria natureza.

Dali saía aos vinte e cinco anos com o único desejo de trabalhar com maior afinco que aquele que a sua condição de cônego regular não lhe teria permitido; com a aspiração a um apostolado de coragem, mais que de ciência; com a vontade de dar a Deus a prova maior do amor para com ele e para com os próprios irmãos, porque não existe maior caridade [amor] do que aquela de quem dá a sua vida por aqueles que ama: *Majorem charitatem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

Saía dali marcado pelo caráter sacerdotal que mais facilmente lhe teria dado acesso à segunda consagração que aguardava diretamente de Deus: o martírio!

Era a primavera de 1220.

O seu exemplo não foi estéril.

Outros cônegos regulares logo o imitaram, o que foi causa de alguns dissabores entre a abadia de Santa Cruz e o eremitério de Olivares.

A glória de Deus, porém, sabe triunfar da mesquinhez humana e logo retornou a mais perfeita harmonia.

Os Cônegos Regulares, sem sombra de ressentimento, mostram aos fiéis, na sua igreja, o lugar onde padre Fernando depôs o seu hábito para vestir o rude saio franciscano: assim orgulham-se do santo, e com justeza, porque eles o tinham formado, pelo que podem concorrer para tal transformação das forças humanas.

Por isto, todo ano um cônego regular de Santa Cruz, no dia da festa, recita o panegírico de Santo Antônio na igreja de Olivares, e depois, no refeitório, preside como se fosse o guardião do convento, enquanto dois frades do eremitério vão cada sábado pedir esmolas aos Cônegos Regulares de Coimbra, que dão a eles em alimentos tudo aquilo que o seu padre Fernando teria recebido para a sua sobrevivência naquela semana.



*A basílica do santo, em Pádua*